

CINE-JORNAL

ANO I - N.º 44 - 17 DE AGOSTO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS - PREÇO 1\$00



Evelyn Laye

Neste número: Quando elas se vestem para o banho...



René Clair, o grande realizador francês, que agora se encontra na América



Shirley Temple, numo fose difícil, durante um portido de «tennis»



Freda Bartholomew e Mary Pickford, os intérpretes das duas versões de «O pequeno Lord»



Astrid Alwyn, na sua residência, em São Diego

A DEUSA - MUSICA AO SERVIÇO DO DEUS - CINEMA

A música tornou-se, com o advento do sonoro, inseparável dos filmes. Se, no tempo do mudo, a orquestra descansava por vezes durante as sessões e, em alguns cinemas, era quasi senão completamente dispensada, agora, com o sonoro, tudo mudou.

Por outro lado, o espectador assemelha-se ao geral àquele farenheiro que, apesar dos seus ajudantes, lódas as noites, dispararem de meio em meio minuto um tiro de canhão por causa do nevoeiro, dormia sempre beatificamente. Só acordou numa noite em que o canhão, por qualquer motivo, falhou. E acordou para perguntar que barulho era aquele...

Do mesmo modo, a força de querer penetrar o argumento, a actuação e o diálogo, o espectador como que se isola do acompanhamento musical. Apenas dá por êle quando, por avaria na máquina de projecção o deixa de ouvir. Amizica actua, pois, nos filmes, em plano secundário.

Evidentemente, pessoas há que, por um prodígio de faculdades auditivas e visuais, conseguem, a um tempo, dominar o conjunto que se projecta e se escuta na tela. Porém, a maioria não presta à música consideração alguma. Tódu a sua atenção se concentra nos protagonistas, quer seja o simpático Chevalier, o nada formoso Wallace Beery, a divina Marlène ou a encantadora Claudette Colbert, que os homens devoram com os homens que, se tivessem efeito corrosivo, em poucos segundos reduziriam a tela a liras e pó...

Todavia, aquele acompanhamento musical que, se por vezes é arranjo, muitas outras é original, demanda meses de estudo intenso, de labor intelectual ininterrupto e merecia, por isso, que nós os espectadores ingratos desviássemos um pouco a atenção das frases «double-sens» de Chevalier ou do irresistível «sex-appeal» daquelas numerosas estrelas do firmamento ou da

Cinelandia, para a consagrarmos à exvelente música que os compositores norte-americanos e europeus nos proporcionam.

Bem sei, que os tangos de Gardel, as canções principais de filmes como «Voando para o Rio de Janeiro», «A Alegre divorciada» e tanto outros, ficam no ouvido do público e, com frequência, as entoamos, mas quem se lembra do curioso e interessante acompanhamento musical do «Médico e do Monstro», por exemplo?

Talvez não acreditem, mas posso assegurar-lhes que trabalham nas orquestras ao serviço dos estúdios de Hollywood para cima de 500 executantes e que, permanentemente, compositores de extraordinário merecimento escrevem novos temas para delicia de espectadores, que afinal os não escutam...

A música serve ainda no cinema para interpretar o efeito produzido por cenas como cargas de cavalaria e outras. Assim, nas «Cruzadas» de Cecil B. de Mille o ruído do magistral embate entre as cavalarias crislá e musulmana é primorosamente traduzido por Rudolfo Kopp que escreveu uma partitura para tal fim, apoiando-se, principalmente, nas trompas, tambores e timbales.

Outro inestimável serviço prestado pela música ao cinema foi ilustrar as produções como a «Sinfonia incompleta», «Vida de Schubert» e «Chopin». Esses filmes, que viviam mais do génio musical daqueles mestres do que propriamente do entreccho amoroso que lhes arranjaram, podem ser classificados como filmes exclusivamente musicais, filmes ao serviço dos quais o público pôs mais os ouvidos do que a vista.

Não exageraremos, portanto, se dissermos que é notável o papel da música no mundo do cinema, e que nem sempre o público o aprecia devidamente e o honra como merece.

OPERADOR N.º 13

Lillian Harvey e Henri Garat

Lembram-se do par famoso do *Caminho do Paraíso*, de *As ordens de vossa alteza* e de tantos outros filmes? Pois vamos ver novamente Lillian Harvey e Henri Garat, num filme que estão interpretando em Berlim e que se intitula *Les Veinards*.

Os filmes franceses na Bienal de Venesa

Segundo se afirma, a lista de filmes franceses que vão à Bienal de Venesa, é a seguinte: *Vésperas de Combate*, *L'Appel du Silence* (que ganhou a medalha da C. I. D. A. L. C.), *Anna Maria*, *Mayerling*, *Le Grand Refrain* e *La Tendre Ennemie*. Este último filme foi aprovado por unanimidade.

No número dos documentários e curta metragem, citemos: *La Promenade dans le Ciel*, de Jean Painlevé; *La Fabrication des Bouteilles*, de Cantagrel; *Le Discobole*, de De Hubsch, e duas cinefonias: *Le Doïn des enfants*, de Debussy, e *Jeune fille au jardin*. «No caso desta lista ser definitiva, afirma a *Cinematographie Française*, temos que lamentar a ausência de *Club de Femmes*, *Sous les yeux de l'Occident*, *La Bandera*, *Le Crime de M. Lange*, etc.»

Nervosismo...

Quando nasce um filho a qualquer artista da Colónia Cinematográfica de Hollywood, é uma tradição festejar o acontecimento com uma distribuição de charutos e bombons, no estúdio respectivo, onde o feliz pai trabalha. Charutos, aos homens; bombons, às senhoras...

Quando Frances Dee teve o seu bébé, Joel Mac Crea, o marido, chegou alvorçado ao estúdio, pronto a cumprir o ritual do costume!

— Então!... Um pouco nervoso, não é verdade?!... — Isso sim!?!

Exclamou Joel. De resto é o nosso segundo filho...

Mal tinha acabado estas palavras, ouviu-se uma enorme gargalhada.

A-pesar-de estar «absolutamente calmo», como dizia, Joel distribuiu, a Merle Oberon e a Miriam Hopkins, dois soberbos charutos, em lugar dos bombons que lhe competiam...

Mistinguett, no cinema

Quasi septuagenária — seguindo o exemplo de Zaconni, que aos 78 anos interpretou o seu primeiro filme — Mistinguett, a mais parisiense de todas as vedetas francesas, concluiu o seu primeiro filme, *Rigolboche*, onde interpreta o principal papel.



Ursula Grabley, a gentilíssima vedeta francesa

A Hungria suprime o programa duplo

O Governo da Hungria acaba de promulgar vários decretos, tendentes não só a fomentar e desenvolver a produção nacional, como ainda a proteger a indústria do espectáculo, arruinado por uma concorrência desenfreada.

Assim, nos diplomas em questão estabeleceu-se um principio de contingente de filme nacional sobre o filme importado; fixa-se o número de sessões que cada sala pode dar; a metragem de cada programa; e proibe-se, formalmente, o programa duplo.

Nos domínios da R. K. O. novos filmes

O novo filme da grande cantora francesa Lily Pons, intitula-se *Street girl*.

— Marc Sandrich, após um curto periodo de férias, regressou aos estúdios. Vai dirigir Katherine Hepburn em *Portrait of a Rebel*, e, logo a seguir, Ginger Rogers em *Mother Carey's Chickens*.

— O novo filme do par Fred Astaire-Ginger Rogers intitula-se *Swing Time*. Depois deste, interpretarão *Watch your step*.

As opiniões da semana

Jean Harlow.— Gosto de usar «roupas brancas» em flanela encarnada.

Adolfo Menjou.— É indispensável para um homem, pelo menos uma dúzia de falos.

Carole Lombard.— Em Hollywood, uma pessoa pode vestir-se, como e quando quiser.

George Raft.— Sair sem chapéu é uma indecência! (sic).

Jan Kiepura.— Gostaria de poder andar sempre nú!

O famoso côro dos paulistanos pela primeira vez, no cinema

O mais famoso côro de meninos faz-se ouvir, pela primeira vez na história do cinema, no filme «Duas Cidades», baseado na clássica obra de Dickens.

De acordo com arranjos feitos entre os estúdios e o Reverendo William J. Finn de Nova York, o admirável côro dos paulistanos cantou cânticos sacros, que servem de fundo musical a vários episódios do filme.

O côro dos paulistanos é uma organização conhecida no mundo inteiro. Nêle figuram exculantes, desde a idade de quatro até dezanove anos. Actualmente, possui 85 membros, dos quais, 45 são activos. O resto são aprendizes e crianças cujas vozes estão mudando.

A organização foi iniciada há 31 anos, em Chicago pelo padre Finn e hoje faz parte da igreja calólica dos padres paulistanos, em Nova York. Há aproximadamente vinte anos que o padre Finn se estabeleceu na cidade de Nova York, continuando ali o seu trabalho até que hoje o côro por êle dirigido é considerado um dos melhores do mundo. O próprio padre Finn é muito solicitado como conferencista, sendo uma autoridade em vozes de crianças. Há cerca de um ano o seu côro tomou parte numa representação no anfiteatro ao ar livre de Hollywood, e foram muitos depois, os concêrto realizados pelo côro infantil, nas principais cidades dos Estados Unidos.

Roosevelt e o «Club Mickey Mouse»

O presidente dos U. S. A., Th. Roosevelt e sua esposa, a sr.^a de Roosevelt, são membros do maior clube Mickey Mouse, que existe no mundo. O clube chama ao presidente o «chefe «Mickey». A sr.^a de Roosevelt é conhecida com o nome de «chefe Minnie».

O acontecimento deu-se quando um dos sócios mais proeminentes do Clube Mickey Mouse, de Birmingham, Estado de Alabama, visitou em Wann Springs, no Estado de Georgia, o hospital infantil para crianças entreadas, comunidade de que a família Roosevelt tem sido a mais desvelada protectora. Ali travou conhecimento com a mulher do Presidente. Falou-lhe do Clube Mickey Mouse, de Birmingham, e pediu-lhe que se fizesse sócia.

A interpelada sorriu e declarou aceitar o convite com prazer. E acrescentou:

— Mickey Mouse?! Porque não convidam também meu marido?! Ele adora o rato Mickey.

E aqui têm como o «cidadão n.º 1» dos Estados Unidos se tornou sócio do clube de Mickey Mouse!



Mary Carlisle e Jean Chatburn, jogam o «laranjinho», no parque dos estúdios

Descobertas, em hospitais

Há mil e uma maneiras de entrar no cinema, mas os dados estatísticos de Hollywood provam que, até agora, pelo menos, ninguém conseguiu ingressar nas portas dos estúdios, pelo simples facto de visitar uma amiga doente, numa clínica de Nova-York.

Kathryn Marlowa, uma graciosíssima rapariga, de 20 anos, logo que acabou os seus estudos universitários, dedicou-se ao canto. E foi ela a afortunada pequena que iniciou o novo método de pôr os pés nos estúdios, a que acima fazemos referência.

Kathryn, com efeito, despedia-se da sua amiga que se encontrava, convalescente, numa clínica, quando um dos doentes lhe perguntou:

— Onde trabalha?

— Canto com uma orquestra, num hotel, perto daqui...

— ...Desligue-se da orquestra. De hoje para o futuro, será vedeta de cinema.

Dentro duma hora teremos aqui um contrato pronto para ser firmado.

Vendo a cara de incredulidade com que Kathryn ficara, o singular doente sorriu e apresentou-se. Tratava-se, nada mais, nada menos, de Samuel Goldwyn, que ali se restabelecia duma operação recente. E foi assim que Kathryn Marlowa passou a ser incluída no «cast» de *Dodsworth*, de que são protagonistas Walter Huston e Ruhl Chatterton.

E ainda que pareça estranho a verdade é que na mesma semana, em Londres, foi feita outra descoberta, em circunstâncias idênticas. Trata-se de Dorothy Oldfield, uma jovem de 21 anos, que, depois de ter passado um ano no laboratório duma clínica londrina, é agora uma das raparigas recém-chegadas aos estúdios que mais prometelem.

Dorothy foi descoberta por Douglas Fairbanks, filho, durante a sua recente doença. Hoje tem um contrato por sete anos, com a Criterion.

O novo filme de Hans Albers

O realizador Guslav Ucicky segue em meados deste mês para Athenas, acompanhado de Hans Albers e do pessoal de filmagem, a fim de manivelar na língua capital da Grécia as cenas de exteriores para um novo filme de Hans Albers.

Filmagens a bordo

A bordo do paquete «Bremen», do Norddeutscher Lloyd, filmaram-se, há dias, os exteriores para um novo filme da Ufa, intitulado *Und Du mein Schatz fährst mit* (Vais comigo, meu amor), realizado por Georg Jacoby. Os papéis principais desta nova produção estão a cargo de Marika Röck, Hans Sölnker, Paul Hoffmann, Genia Nikolaiewa, Friedel Haerlin, Alfred Abel e Oskar Simma.

"QUATRO IRMÃS" FOI DESIGNADO

Está concluído o inquérito entre os artistas de Teatro. Procurámo-lo fazer tão completo, quanto possível. O facto de estarem ausentes alguns artistas impediu-nos de conseguir a totalidade de votos. No entanto, uma maioria apreciável assegura a honestidade dos resultados. Vejam, abaixo, os curiosos resultados a que chegámos, no inquérito — o primeiro, do género, que se realiza em Portugal.

O MELHOR FILME DO ANO

tristeza que nos toma quando a escarlantina vai pôr em sobressalto aquela santa família...

Os artistas teatrais dando o primeiro lugar *As 4 irmãs* demonstraram com firmeza que as suas opiniões eram abalizadas e que sabem ver cinema, apreciando-o e não lhe regateando aplausos quando é o merecido. Seguidamente, classificou-se, com melade da votação do filme de Katherine Hepburn, *Parada Maravilhosa de 1936*. Muito justa é a classificação alcançada pelo filme que Roy del Ruth soube realizar com espírito, alegria, beleza e acção. Quatro predicados que categorizam uma película.

Parada maravilhosa, foi o mais completo filme musical que correu nas nossas telas. As interpretações de Eleanor Powell e Robert Taylor garantiram o êxito da produção e lançaram os seus nomes, até então quasi desconhecidos, aos quatro cantos do mundo.

Broadway surgiu-nos com lóda a sua vida dinâmica, transformada num «cocktails» monstro, onde não faltavam os mais exuberantes bailados, canções lindíssimas e números de música de incontestável beleza.

Bem entre que fica, pois, o segundo lugar a *Parada Maravilhosa de 1936*.

Passamos seguidamente, a apresentar aos nossos leitores a ordem porque se classificaram as principais produções que correram na última época nos nossos cinemas.

- 1.º — *As quatro irmãs* — 50 % da votação.
- 2.º — *Parada Maravilhosa*.
- (*) 3.º — *Lanceiros da Índia e Véspera de Combate*.
- (*) 4.º — *Mascarada e Sansão*.
- (*) 5.º — *O pão nosso de cada dia, Último Escravo, Ana Karenine, Mundos Íntimos e Voando para o Rio*.

Os restantes filmes não tiveram votação apreciável que justifique a sua inclusão nesta lista.

Estrélas

O inquérito sobre as três estrélas preferidas dos nossos actores, foi a parte mais espinhosa da nossa iniciativa.

Os homens confundem facilmente a artista com a mulher, e não poucas vezes nos sucedeu, obtermos como resposta à nossa pergunta, um elogio entusiástico aos dotes físicos da estréla. Depois

GRETA GARBO: a melhor actriz

CHARLES BOYER: o melhor actor

o coração do homem é mais fácil de ser manejado do que o da mulher.

Uma cara bonita, um corpo bem feito, e um sorriso «sex-appealeco» são o suficiente para nos arrastarem para a montanha escarpada do triunfo ou para o vale lamacento do opróbio...

Não é, pois, de admirar que neste inquérito, na parte referente às estrélas, a escala de classificação variasse em todos os números como um barómetro desarranjado.

Só no final Greta Garbo conseguiu arrancar um triunfo merecido que bastante lhe custou. Marlène Dietrich que muito a ameaçava, conseguiu ultrapassá-la para logo em seguida se deixar bater.

E Garbo venceu... apenas pela superioridade de dois votos.

Katherine Hepburn e Joan Crawford, empatando em votações, arrancaram o terceiro lugar. De notável a posição de Katherine que se firma como grande artista, embora seja a que actua há menos tempo ante a câmara.

- 1.º — Greta Garbo.
- 2.º — Marlène Dietrich.
- (*) 3.º — Katherine Hepburn e Joan Crawford.

(*) 4.º — Silvyta Sidney, Miriam Hopkins, Shirley Temple, Anny Ondra, Helen Hayes, Jean Parker.

Actores

Embora nas actrizes o caso esteja um pouco mais simplificado, as opiniões também se espalharam bastante.

Os actores mais em evidência, os velhos e os novos, os fortes e os delicados, todos arrecadaram votos. Porém, o grande triunfo pertencia a Charles Boyer. O genial intérprete de *Mayerting*, dominou em absoluto.

A sua superioridade sobre os seus companheiros de arte, manifestou-se numa forma esmagadora.

Poucos foram as artistas, que, dentro

dos três actores a mencionar, não citar Charles Boyer.

Desde Beatriz Costa a Irene Isidro, Boyer foi um ídolo que se venera. Para umas é o homem forte, de olhos tristes e inteligentes, que seduz numa carícia louca; para outras é o galã forte, másculo, o artista sublime que sabe encarnar os papéis e dar-lhes a expressão máxima da vida. Mas para todas é Charles Boyer o artista dilecto, o homem que não se esquece, o galã que se deseja...

Clark Gable vai-lhe na peugada, embora com algum atraso. Alcançou no entanto, o dóbno da votação sobre os artistas classificados em terceiro lugar: Laughton e Harry Baur, dois actores da vanguarda, que há muito conquistaram foros de mestres na arte de representar.

Eis o quadro:

- 1.º — Charles Boyer.
- 2.º — Clark Gable.
- (*) 3.º — Charles Laughton e Harry Baur.
- (*) 4.º — Gary Cooper e Frederick March.
- 5.º — Fernand Gravey.

Os restantes actores não tiveram votação apreciável que justifique a sua inclusão nesta lista.

* * *

Assim terminou o inquérito que durante dois meses correu nas nossas páginas.

A satisfação com que o encerramos compensa-nos prodigamente o que, por vezes, teve de espinhoso...

Aos artistas — os maiores da centportuguesa — que nos distinguiram com a sua simpatia e gentileza, apresentamos *Cine-Jornal* a sua homenagem.

ANTÓNIO FEIO

(*) Igual pontuação.

TERMINOU o grande inquérito de *Cine-Jornal*. Durante dois meses os artistas do nosso teatro emitiram as suas opiniões sobre os melhores filmes da época e os seus artistas preferidos.

Nós, que de início receávamos bastante a conclusão a que chegaríamos, temendo ver caídas no esquecimento as boas produções cinematográficas e trazidas para a glorificação os filmes onde o teatro se mostrasse com mais pujança, encontrámo-nos altamente satisfeitos por verificar que a gente do teatro, sabe pôr de lado a sua paixão pelo palco, para dar lugares de honra às películas genuinamente cinematográficas, que vivem bastante longe dos bastidores e dos cordelinhos teatrais.

Há já algum tempo que profectizávamos a primeira classificação do inquérito para o filme de Georges Cukor *As 4 irmãs*. Logo na primeira ronda se começou desenhando uma forte inclinação, tanto de actores como de actrizes, para a prodigiosa criação do cinema americano, que viveu o Katherine Hepburn, como uma extraordinária artista dos tempos modernos.

Com cenas transbordantes de humanidade, imagens repletas de candura, que por vezes nos arrancam lágrimas, Cukor foi um mestre que soube pintar um quadro sem se deixar cair no abarato fictício das situações melodramáticas.

Veja-se a morte de Jean Parker descrita com forte poder emocional, embora se apresente relatada em alguns metros de filme com uma simplicidade que a torna sumamente encantadora.

George Cukor, na sua maravilhosa produção, deixa, por vezes, de ser o realizador cinematográfico para se envolver num poeta cineasta.

Agora um sorriso que desponta, dentro em pouco um soluço que nos punge.

Aqui Katherine que nos arrasta para o bom humor com as suas facécias e o seu calão de rapaz estarola... Além a



NEW

GORMAN



Small, illegible text at the bottom of the page, likely a copyright notice or publisher information.

ROBERT Taylor, que na América já possui uma popularidade mais que invejável, vai — dentro em muito breve — conseguir que o seu nome seja tam conhecido como o de Clark Gable.

Não julguem que descobriu um novo processo de publicidade de resultados seguros e mais que garantidos mas não julguem tam pouco que estou a exagerar.

O seu triunfo presente foi — e o seu futuro glorioso está — matematicamente indicado. Adiante veremos a justificação do que afirmo.

A eterna história

Todos os actores de cinema, depois de se tornarem célebres, ao serem entrevistados pelos jornalistas expõem a sua entrada para os estúdios e o seu passado com uma série interminável de peripécias que estamos mesmo a adivinhar que são inventadas e só demonstram a vaidade e a pouca inteligência de muitos desses senhores. (Eis porque é muito perdoável que muitas vezes sejam os próprios jornalistas os inventores dessas peripécias um tanto ou quanto fantásticas).

Pois Robert Taylor até neste pequeno pormenor se demonstrou inteligente. Conta o seu passado com uma naturalidade estranhável.

Nasceu em Nebraska, terra em que o pai exercia clinica. Estudou. Entrou para a universidade; cursava medicina. Fizeram uma representação e entre a assistência, quasi exclusivamente constituída por colegas e respectivas familias, estava um dos dirigentes da Metro-Goldwyn. Num intervalo, foi procurá-lo e depois de dizer quem era perguntou-lhe se queria fazer cinema. Combinaram encontrar-se no dia seguinte para falarem sobre a proposta.

Durante essa noite Bob Taylor — como todos o tratavam — pensou pela primeira vez no caso.

No dia seguinte compareceu no local combinado. Não era uma proposta para fazer cinema, mas sim um convite para ingressar na escola cinematográfica que a Metro tinha criado. Davam-lhe 35 dólares por semana. Ai veriam se ele tinha ou não qualidades para poder trabalhar para o cinema.

Robert Taylor resolveu ir... e passados poucos meses recebeu o primeiro contrato para colaborar num filme. Daqui em diante ficou sempre contratado pela Metro.

Como vêem, desta vez a eterna história

ROBERT TAYLOR

A última revelação americana, no capítulo de galãs

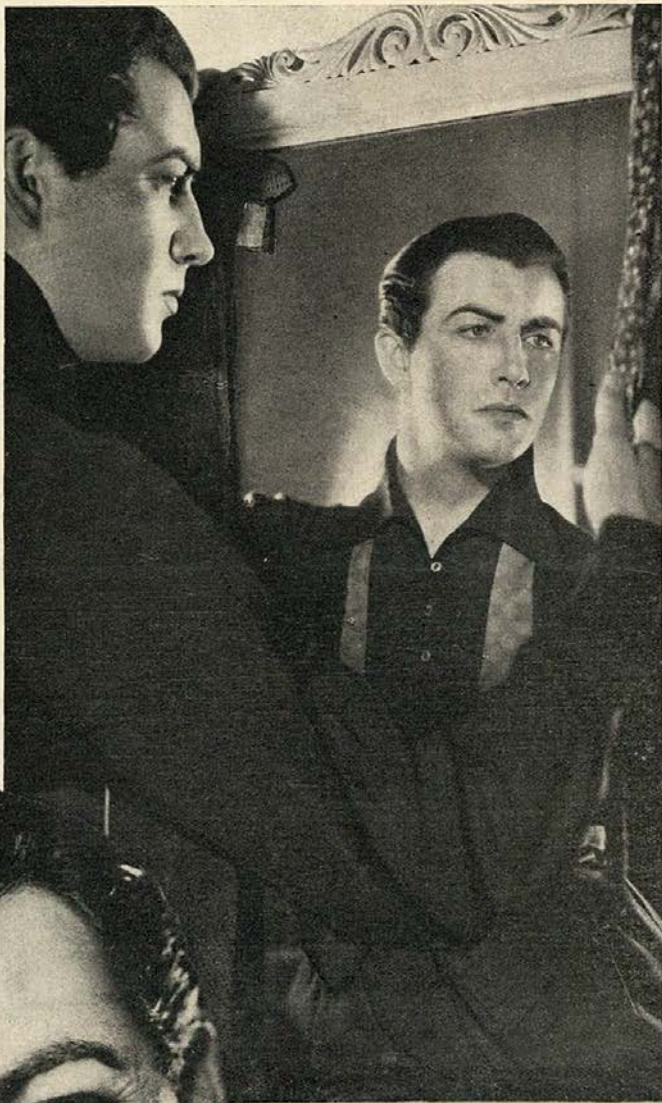
ria complicada foi bastante simples...
...Graças a Deus.

Provas do triunfo

Triunfar é sempre difícil; mas muito principalmente em Hollywood.

Como provas práticas do êxito de Robert Taylor começo por indicar o nome de três filmes.

Com a Jean Parker, a simpática Jean Parker fez o *Crime na Armada*. Interpretando o empresário — aquele



extraordinário empresário! — da *Parada Maravilhosa* conseguiu chamar sobre si as atenções de todo o publico que viu o filme. Demonstrou qualidades reais e principalmente qualidades diferentes e importantes. Tem personalidade. Não lembra A nem B. É ele.

Médicos de Hoje foi dos filmes que no seu género ultimamente fez mais sucesso. Nêle, Robert Taylor afirma-se definitivamente. Fomos obrigados a esquecer o trabalho de Chester Morry tal a maneira como Robert Taylor interpretou o papel que lhe cabia.

Consegue-se pois demonstrar que em virtude dos filmes já passados nos nossos «ecrãs» Robert Taylor é um actor de categoria.

Basta para isso lembrar o nome das suas «partenairs» e a qualidade dos filmes citados.

Mas reparem. No último número do *Cine-Jornal*, no inquérito entre gente de teatro, a simpática Aida Ultz apontou como um actor que a impressionou e jámais pode esquecer o seu nome. No mesmo número da mesmíssima revista publica-se na página central um artigo em que estão opiniões de algumas das individualidades mais importantes do meio cinematográfico real de Hollywood. Pois o nome de Robert Taylor é citado três vezes. Tudo isto é o que os leitores já sabiam ou pelo menos poderiam saber.

Mas há mais...

Clark Gable era, até aqui, o menino bonito de Hollywood. (Menino bonito em sentido figurado, já se vê). Pois actualmente Robert Taylor é quem ocupa esse lugar.

Já há muito tempo que ninguém em Hollywood recebia tantas e tantas amabilidades, tantos e tantos convites, honras e homenagens como Clark Gable.

Pois Robert Taylor nêle capitulo já suplantou Gable. Tem ultrapassado todos os «crécords» possíveis e imaginários.

E, caso curioso, as suas admiradoras são dum género que todos nós julgávamos que já não existia. Fazem-nos lembrar os velhos tempos de Rudolfo Valentino.

Quando da sua última viagem a Nova York hospedou-se no Waldorf Astória. Estava a conversar com um jornalista e de repente escaneou-se a porta e entram vinte ou trinta raparigas de 17 a 18 anos que saíam do colégio e ao saberem que Robert Taylor estava ali hospedado não hesitaram. Quiseram vê-lo e possuir um autógrafa.

Outra vez aconteceu um caso com piada. Um rapariga queria um retrato. Como Robert Taylor não tivesse ali nenhuma fotografia pediram-lhe um autógrafa, mas também não tinha papel; só tinha a caneta. Não estiveram com meias medidas. Arrancaram-lhe os botões do casaco e obrigaram-no a assinar sobre os botões. Como não cabia o nome todo, Robert Taylor resolveu assinar, como em tempos idos, simplesmente «Bob» o que honrou sobremaneira estas perigosas admiradoras.

O Futuro

Falámos já, vagamente, do futuro do novo idolo.

Como prova de que este será glorioso basta citar-vos os últimos e os novos filmes de Robert Taylor e as respectivas companheiras de trabalho.

A Janel Gaynor interpretou ao seu lado *A pequena da Província*.

Joan Crawford, essa insuperavelmente perigosa Joan, colaborou com Taylor em *Gorgeous Hussy*. Mas ainda duvidam da categoria dum actor que depois duma tam curta série de filmes vai trabalhar ao lado de Crawford?

Pois bem. Entao anuncio-lhes que Robert Taylor esta a conemir os seus trabalhos em *A Dama das Camélias*, ao lado de Greta Garbo e sob a direcção de Cukor.

Que querem mais?

Acham ainda arrojada a afirmação que escrevi no principio deste artigo? Acham que este rapaz de 24 anos nao tem um futuro glorioso, matematicamente indicado?

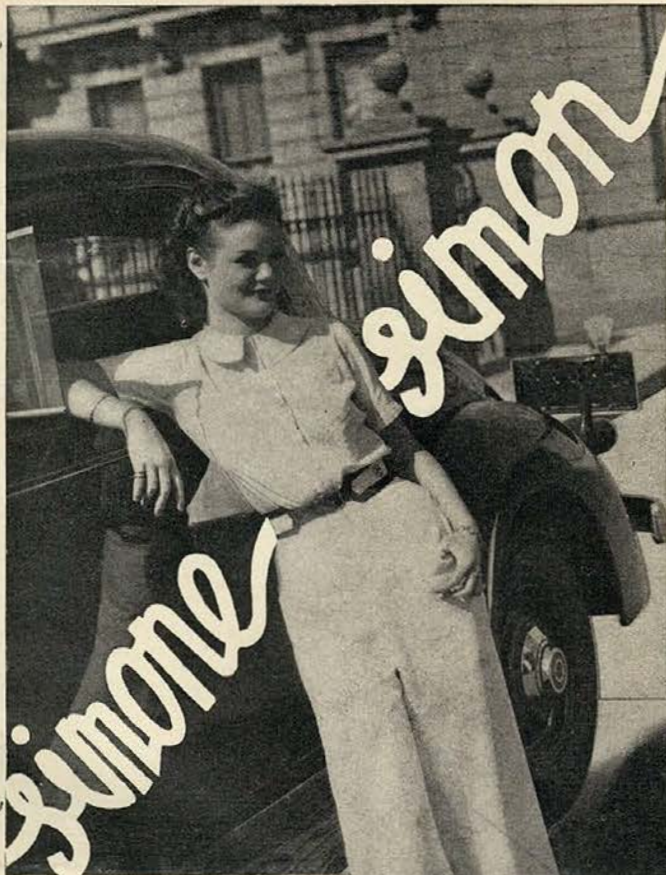
E agora um pequeno pormenor comprovativo; mais comprovativo, talvez, que as cinco a sete mil cartas que Robert Taylor recebe por semana.

Sabem qual é a alcunha de Robert Taylor em Hollywood?

Pois eu vos digo. Devido às imensas simpatias e admirações que possui e que o obrigam a andar numa vida demasiadamente agitada (consecutivos chá, bailes e banquetes em sua honra) alcunharam-no de «a nova coqueluche de Hollywood». Num meio como o de Hollywood, que tam pouco repara nestas coisas, é realmente necessário possuir uma popularidade enorme e um número de admiradores incontável para que se consiga merecer esta alcunha tam honrosa.

Realmente Robert Taylor deslumbrou Hollywood e agora todos mantêm por ele uma admiração que é quasi uma doença, uma doença contagiosa como a coqueluche.

TAVARES FERNANDES



dogoscor. Desses anos que viveu ao sol e ao ar livre, ficou-lhe uma espécie de graça exótica, que faz um picante contraste, com o sua goitice e vivacidade. Quando voltou a França, tinha apenas um desejo: entrar para o teatro. Como é do praxe, a família nem sequer a queria ouvir falar nisso. Nem no teatro, nem no cinema. Aos 16 anos, mesmo assim, conseguiu desempenhar um papel de Apolo, em «Balthazar». Jean Tarrido notou-o e fê-lo interpretar um «sketch». Contratado pelo «Bouffes», para «Le Roi Pousole», interpretou um papel de pastora. Dois anos mais tarde, voltou ao «Bouffes», e triunfou então em «Toi c'est moi».

contrato-o! Um filme. De volta a Paris, fez «La Petite Chocolatière», com Raïmu. Em Munich, filmou sob o direcção de E. A. Dupont. Mais tarde, «Le Roi des Palaces», «L'Étoile de Valence», e, finalmente, «Lac-aux-dames», que foi um êxito enorme. «Olhos Negros» e «Les Beaux Jours» foram os últimos filmes que interpretou, antes de demandar Hollywood.

Durant os representações de «Le Roi Pousole», Simone Simon travou conhecimento com o realizador Turjonsky, que, pelo seu mão, o levou para o cinema.

Ao lado de Lucien Muratore, interpretou «Le chanteur Inconnu», e o França apercebeu-se de que tinha, finalmente, uma ingénua cómica. Logo o seguir a Alemanha

Tem uma personalidade curioso e difícil de definir. Adora o músico. Não pratica nenhum desporto. Não guia automóveis, «porque tem medo de partir o cabeça». Trabalho muito, mas só depois de dormir bem. É ambicioso, mas incapaz de se desviar do bom caminho, para conseguir os seus fins. É naturalmente graciosa, muito simpática, mas um pouco «dura» no trato, com as pessoas que não conhece bem.

E aqui têm um pouco da história da Simone Simon, a inolvidável «Puck» de «Lac-aux-dames».

R. S.

NASCEU em Marselha, em 23 de Abril de 1914. O pai era francês. A mãe, italiana. A América procura torná-la agora numo estrela famosa. Depois dos insucessos artísticos dos primeiros tempos, das hesitações que marcaram o seu primeiro período de estado em Hollywood, Simone Simon encontrou um produtor que o compreendeu e que lhe deu o filme que a vai lançar: «Girls Dormitory».

A América, com efeito, prepara uma formidável campanha publicitária para preceder a exibição daquela película.

O nosso público notou Simone Simon em «O Lago da Amora» (Lac-aux-dames). A figura de «Puck», que ela criou e desenhou com amoroso ternura, impôs imediatamente o seu indiscutível talento de artista, e o seu olhar de mulher, fina e sensível.

Simone Simon, como não podia deixar de ser, foi logo contratado pela América, que depois de lhe ter dado, e de lhe ter tirado, o papel feminino de «Sob duas bandeiras» (que Claudette Colbert desempenhou), e depois de o ter tido quasi um ano em inactividade, se dispõe agora, finalmente, a consagrá-la, como merece.

Passou os primeiros tempos da sua vida em Marselha, e o sua adolescência em Mo-



Como se vestem para o banho



QUANDO elas se vestem para o banho?
Quando elas se *despem* para o banho?

Eis a primeira hesitação que nos salta da pena ao abordarmos este assunto transcendente do eterno feminino: a *toilette* para o banho de mar. Porque em boa verdade, nos tempos que vão correndo, simplificou-se tanto o traje que se enverga para mergulhar nas sal-sas ondas, que, com mais propriedade, parece dever dizer-se: quando elas se *despem* para o banho...

A mulher, com efeito, desde que a Mãe Eva, em má hora, trincou o fruto proibido, ficou com um fundo de perfídia a dirigir todos os seus actos: no caso que estamos tratando, o facto reflecte-se bem: a mulher em plena posse da sua beleza e das suas formas, revela-se

inteiramente aos nossos olhos, velada apenas pelo manto diáfano da fantasia, que às vezes mais encandece os cérebros dos felizes mortais que as contemplam.

O fato de banho reduziu-se quasi ao «cache-sexo» das girls do «Casino de Paris» ou do Folies Bergère. A evolução chegou ao máximo do adiantamento. Dos fatos de flanela azul, debroados a fitilho branco, amplos de medida, espessos de fazendas, chegou-se ao prodígio dum fato que cabe na palma da mão e que pouco mais cobre que uma sexta parte do tronco...

Tomar banho de mar é hoje privilégio das raparigas bonitas, perfeitas de formas, sádias de pele. Porque a exiguidade dos trajes não protege defeitos, as mulheres por seu turno não gostam de os revelar. Quem errar pelas praias assistirá, extático, à parada de formas,

euritmia de linhas, que correm pelas areias doiradas, que fendem a espuma branca das ondas que se quebram. A mulher, que sabe que é bonita, não foge aos olhares devoradores. O conceito de pudor é outro e sobre este prevalece a máxima de que «o que é bom é para se ver».

As «girls» dos estúdios, as artistas de cinema — não fogem à regra. São elas, em regra, a sãdo das casas respectivas, que lançam os «maillots» mais ousados... Aqui têm algumas estrélas com os seus fatos de banho. Variedade, beleza, graça e deslumbramento... Vale a pena quedarmo-nos um pouco a olhar para esta página e pensar o que seria uma praia animada por estas lindas raparigas que aqui estão, com a graça dos seus sorrisos e as formas perfeitíssimas dos seus corpos.

O paraíso terrestre teria por certo a sua expressão mais bela!...

O Papão do «Mau Cinema»



PUBLICAMOS, a seguir, uma carta, que nos foi dirigida pela Junta da Profilaxia Social, com sede no Pôrto, e a propósito dum local da «Carta do Pôrto», em que o nosso prezado colega Carlos Moreira criticava, não o aspecto geral da sua acção, mas sim, e sobretudo, a campanha encetada contra o «mau cinema». Não pretende, por certo, o nosso camarada, negar a existência do «mau cinema». Pretende, sim, reduzi-lo às justas proporções, à percentagem inferior em que se manifesta, e que não justifica medidas de carácter geral, mas sim excepcional. Isto é: não se deve proibir os menores de ir ao cinema, mas de ver este ou aquele filme. E para isso temos uma Censura, e uma censura rigorosa, que desempenha, sob os auspícios do Estado, uma função moralizadora. É claro, há «mau cinema», como há má literatura, mau teatro, má imprensa, etc., etc. O que não podemos nem devemos, sob pena de cair num exagero insensato, é falar no «mau cinema», como se todo o cinema fôsse um instrumento de perversão. O que gostaríamos de ver, antes de encetar campanhas discutíveis, era fomentar e desenvolver o bom cinema, aproveitar a sua formidável força educadora. Isso não se faz, porém. A esse cinema, por via de regra, não se alude. E Portugal é dos poucos países do mundo onde o Cinema Educativo é letamorta. Todas as campanhas unilaterais, como a encetada pela Liga de Profilaxia, dir-se-iam, pois, inspiradas por aqueles que, como diz Leitão de Barros, não perdoam ao cinema que, sem licença das Academias, se tenha tornado na maior preocupação do nosso século...

Perde o seu rico tempo a Junta de Profilaxia Social — cuja obra, sob muitos aspectos, é crêdora dos maiores elogios — em rebuscar e transcrever citações de pessoas e entidades que apregoam as «pódes» do cinema. Mas tais afirmações provam alguma coisa? Poderíamos alinhar outras tantas opiniões de pessoas de igual categoria, a dizer precisamente o contrário.

S. Santidade Pio XI, ainda recentemente, quando do Congresso da Imprensa, em Roma, teve ensejo de demonstrar publicamente o seu interesse pelo cinema.

Quanto ao extracto do parecer do sr. dr. Júlio Dantas, que a Liga cita, estamos inteiramente de acôrdo. O ilustre relator refere-se a «determinados filmes», de natureza especial, que raramente aparecem nas nossas telas. Gostaria que me citassem, por exemplo, os títulos de filmes «onde se versassem questões de ordem sexual ou para-sexual», exibidos nas últimas temporadas...

Tudo isto vem ao encontro da nossa afirmação: o cinema exige hoje, apenas, medidas de carácter accidental. A média da produção é francamente elevada, sob o ponto de vista moral. O cinema de hoje é totalmente diferente do cinema de há dez anos.

Resta-nos o ponto de vista da «higiene». Mas também neste ponto não podemos generalizar, porque todos sabem que hoje há muitos cinemas que, sob o ponto de vista higiénico, se avantajam à maioria das escolas...

Transcrevemos a seguir, na íntegra, a carta que nos foi dirigida:

Ex.º Sr. Director: — Embora ficassemos um pouco abalados com o anátema fulminado contra nós pelo autor da «Carta do Pôrto», publicada em «Cine-Jornal» de 3 do corrente, de que — ninguém reconhece aos directores da Liga qualidades críticas, nem possibilidades analíticas — consolamo-nos pensando que não nos podem considerar vendidos a nenhuma empresa cinematográfica, quer distribuidora de películas, quer proprietária de casas de espectáculos desse género.

A Liga Portuguesa de Profilaxia Social nunca se vendeu, nem se venderá — pode mesmo conjugar-se o verbo em todos os tempos, sempre negativamente: não se venderia, não se tem vendido, etc., etc. Em todo o caso já tem sucedido, ao fazermos qualquer campanha, considerarem-nos peitados pelas empresas que com a mesma beneficiam... Mas — a caravana passa...

Revolta-se o seu correspondente contra os nossos protestos relativos ao mau teatro e ao mau cinema. Ora nós estamos, por acaso, em muito boa companhia. Vejamos, em primeiro lugar, o que ao cinema respeita.

O ilustre jornalista Edurisa, na sua crónica sobre o «Ano Cinematográfico de 1934», publicada em «O Comércio do Pôrto» de 1 de

Janeiro de 1935, diz, por exemplo, que — «o panorama cinematográfico em 1934 não se nos apresenta num nível artístico e de produção verdadeiramente notáveis — embora a seguir afirme a sua esperança de que se trata dum «mal passageiro».

O sr. dr. Domingos Pinto Coelho, ilustre jurista, em um artigo publicado em «A Voz» de Dezembro de 1935, diz o seguinte: — «É uma dor de alma entrar numa casa de espectáculos, vê-la povoada de mocidade ávida de ver e de ouvir, febrilmente interessada no desenrolar da acção, e verificar que aquelas almas de adolescentes, tão impressionáveis, estão a ser atrocemente envenenadas».

«Não! Para isto não devia haver sombra de tolerância ou de indulgências».

«Produtores de filmes imorais são autênticos malfatores, criminosos da pior espécie, não sendo sequer fácil medir toda a extensão do mal que produzem, pois para tanto seria necessário saber o número de reproduções, de cinemas onde se exibem, o número de espectadores: expansão enorme e incalculável do mal».

O ilustre escritor dr. Júlio Dantas, relator do parecer da Câmara Corporativa acerca do projecto de lei sobre a admissão de crianças nos cinemas, escreveu o seguinte, que foi aprovado por toda a respectiva Comissão: — «É incontestável que deve preservar-se a infância e a adolescência da acção de perversão moral e de sugestão perniciosas sobre elas exercida pela projecção de determinados filmes, mórmente daqueles em que se representam actos grosseiros, criminosos ou violentos, ou se versam questões de ordem sexual ou para-sexual».

Duma crónica intitulada o «Cinema Corruptor», publicada em «As Novidades» de 14 de Julho do corrente ano, recordamos ainda os seguintes parágrafos: — «O cinema tornou-se uma diversão corrupta, porque as fitas se converteram — como diz Pio XI — em representação do pecado e do vício, representação aprovada, aclamada e quanto possível justificada. perante a multidão que invade o cinema, faz-se, pois, de continuo, a apologia de falsas normas de vida».

«...Arrejou-se que a censura que obrigava as indústrias cinematográficas a respeitar as regras da honestidade, prejudicava financeiramente as respectivas empresas. Mas sem razão, anota a encíclica, pois a indústria só teria a lucrar, quer artística, quer financeiramente. Milhões de espectadores, forçados, por escrúpulo de consciência, a abster-se dessa forma de diversão, passariam a frequentá-lo se o cinema exibisse fitas honestas. Por outro lado, a arte cinematográfica viu-se então forçada a buscar assuntos clássicos e criações originais de maior valor artístico. Não foi, portanto, o aspecto financeiro que fez recair na imoralidade, mas a maior facilidade que têm as empresas de explorar as paixões baixas e as tendências corruptas. Enquanto a produção de fitas verdadeiramente artísticas — diz Pio XI na encíclica — de vidas humanas virtuosas reclama esforço intelectual, trabalho, talento, e talvez um maior dispêndio, pelo contrário, torna-se relativamente fácil atrair ao cinema certas camadas e categorias sociais com representações que inflam as paixões, e despertam os instintos inferiores latentes no coração humano».

Finalmente, no «Diário da Manhã» de 14 do mesmo mês, em comentário, também, à referida encíclica, encontramos o seguinte parágrafo: — «A produção cinematográfica dos últimos tempos sofreu a influência do amoralismo da economia liberal. O objectivo das empresas foi produzir para obter o maior lucro possível. A película foi considerada uma mercadoria como qualquer outra. Que interessava? A futilidade, o sensualismo, o escândalo, a descrição das taras sociais e a libertinagem de costumes? Pois bem: as empresas concorreram entre si para satisfazer as mais baixas paixões, sem consideração de espécie alguma pelos efeitos duma tal produção no homem, na família e na sociedade».

«Mas não desejamos alongar em demasia esta resposta, e por isso passamos a algumas citações sobre o estudo actual do teatro».

Duas únicas frases, afinal, e essas bastam, porque são de um dos nossos críticos actualmente mais considerados, o sr. Eduardo Scarlatti, no Prefácio da sua colectânea recém-publicada «Em casa de O Diabo» (este «Diabo» não é tão feio como o pir-tam...): — «Fatigado da crítica, de ver por

(Continua na pág. 15)

O Segredo dos Lábios

sua a dar ao perfil das bocas, ao segredo dos lábios, tem razão de ser.

Se bem que não seja o único, como os «técnicos» pretendem, a boca é, contudo, um dos mais característicos aspectos de qualquer fisionomia. É dela

que sai o riso, abre-se com o espanto, entreabre-se no suspiro, contrai-se pelo esforço, amargura-se, fala, sorri e, finalmente... beija.

Há bocas dolorosas de cantos rebaixados, tristes, bocas estendidas, desejosas, que querem beijar; boquinhos pequenas que fazem lembrar... narizes arrebitados de meninas pedantes; bocas amadas de bebês e bocas sussurrantes de namoradas...

Os lábios são carnosos como frutos que apeetece sorver; são finos, cínicos, afiados como lâminas que não perdem o corte; abrem-se francamente, descuidados e abrem-se, vaidosos, para mostrar uns dentes alvos; fecham-se na muidez obstinada, fecham-se para esconder uns dentes feios e até se fecham... na greve da fome.

* * *

À vista de todas estas qualidades e defeitos, Hollywood estudou o assunto dum maneira completa como é próprio dos seus estudos.

Visto que, ao falarmos a qualquer senhora, fixamos primeiro a cor do «bato» do que a dos olhos, uma vez que o sorriso da «Gioconda» tem fama universal, etc., etc.—estudem-se as bocas, desenvolvem-se os segredos que os lábios encerram.

* * *

Os «técnicos» das especialidades afirmam que Joan Crawford tem a boca mais interessante de todas as «estrelas». Creio que estamos todos de acordo—é inconfundível a boca da Joan. Dizem «eles» que uns lábios assim revelam a necessidade de amar, são lábios apaixonados de quem não consegue separar a inteligência do sentimento. São lábios inconstantes, porque é inconstante o coração. São ligeiramente tristes, porque vivem eternamente insatisfeitos. Lábios de quem sente e não analisa, enfim, lábios que retratam fielmente, a inquieta e ansiosa Joan Crawford.

(Conclui na pág. 14)



HOLLYWOOD era uma cidade monótona, uma terra triste e repetida se não tivesse sempre, dentro dela, um cortejo de variantes e atractivos que mais ou menos bem intencionados, vão na senda do dinheiro, à procura da riqueza...

Aventureiros, inventores, detectives e ladrões, palhaços da vida, impregnados de cosmopolitismo, lendo nos jornais as somas astronómicas que, por semana, recebem as estrelas, convergem para a cidade do cinema.

Já lá vai o tempo em que as meninas apaixonadas e os moços românticos tomavam o caminho da Califórnia para se deitarem aos pés do Rodolfo Valentino, ou assaltar a moradia de qualquer Lillian. O materialismo é maior, as passagens estão mais caras e, quanto a viagens clandestinas, as magníficas organizações de policia marítima, nem deixam pensar nisso.

Hoje, junta-se uma pequena fortuna para se comprar o bilhete. E chega-se a Hollywood para ganhar muito dinheiro.

Como actor? É quasi impossível. O processo mais seguro e mais seguro é explorar a credulidade. É quebrar a monolonia, pelas maiores artimanhas à custa dos mais arrojadados «trucs».

Quem não tem coragem para arrombar um cofre-forte lê a sina; os que são incapazes de executar o rapto dum bebê vendem o anel que traz a felicidade eterna.

Aparecem, por vezes, na vastíssima fauna dos exploradores, tipos verdadeiramente artistas, dotados dum bom poder de observação e prodigiosamente imaginativos.

E, quer estudem as flores mais indicadas para qualquer «estrela» quer indiquem as cores que devem preferir, o certo é que fazem sucesso e, às vezes, em poucos meses, conseguem realizar o mais universal dos desejos universais: ter dinheiro.

Nós, que só de longe conhecemos e comentamos estes factos, geralmente desprezamos os assassinos e ladrões mas, embora reconhecendo que também exploram, não deixamos de admirar, com um sorriso complacente, os que, artisticamente, conseguem ganhar.

Todo este arrazoado vem — embora não pareça — a propósito do segredo dos lábios.

Realmente, a ideia de, com arte e espírito, ler nos lábios das «vedetas» os seus sentimentos, encontrar na boca o factor primordial da personalidade veio, pela primeira vez, a um desses artistas exploradores — conhecidos na América por exploradores de artistas.

Foi uma ideia feliz.

A provar a sua esplêndida qualidade, está a invulgar resistência que tem tido. Porque, esquecia-me dizê-lo, o máximo de voga para qualquer destas ideias, é um ano, e a dos lábios resiste há muito mais tempo. De tal forma é apreciada que quasi se oficializou: ninguém entra para figurante sem que um «perito» estude bem a forma dos lábios, a personalidade que revela e o efeito que produz.

O aprêço que, em Hollywood, se pas-

BORIS KARLOFF.

intérprete magistral do "horível" no cinema

A biografia de Boris Karloff é simples: nasceu em Londres, a 23 de Novembro de 1887. Conta, portanto 49 anos. O pai queria-o diplomata e, por isso, o pequeno Boris frequentou alguns dos melhores colégios ingleses. Porém, a burocracia aborrecia-o. Tentava-o a aventura. Em 1918, foi para Los Angeles com uma troupe de «vaudevilles» e, pouco tempo depois, começava a filmar.

Actor algum melhor do que Boris Karloff encarnou, até hoje, na tela, o sentido patético, terrífico, do cinema. Graças às suas magistrais interpretações, Boris Karloff consegue transmitir aos espectadores aquele grau de emoção, de espanto, de surpresa e de horror, tão difícil de atingir agora que não há segredos quanto à técnica cinematográfica e aos truques de que se serve.

Boris Karloff é, sem dúvida alguma, superior a qualquer dos actores que cultivam o seu género. O seu desempenho reveste-se de um singular sentido de humanidade, tão profundo que obriga o espectador a «viver» o filme, entusiasmando-se e vibrando.

Não se recusa às maiores fadigas para alcançar os resultados emotivos que pretende. Boris Karloff submete-se às mais duras provas, não só para obter uma máscara inérita como também para traduzir a ferocidade, a expressão e o desequilíbrio dum ser sobrenatural.

Pois Boris Karloff que nos interessara já com «Frankenstein» e a «Noiva de Frankenstein» vai agora dar-nos um novo filme, «O Corvo», extraído do célebre poema de Edgard Allan Poe, no qual mais uma vez demonstrará as suas

brilhantes qualidades de criador e de actor magistral.

Nêste filme, Boris Karloff é o notário Batenham que, recesso da polícia, não hesita em procurar o cirurgião Vollin, um larado cujo delírio se compraz em martirizar o alheio, o qual lhe transforma o rosto, tornando-o um ser irrecognhecível e hediondo. Vollin, ou seja o grande actor Bela Lugosi, aproveita-o, porém, para as suas criminosas façanhas.

É nêste filme que o espectador assiste a uma macabra cena que lhe porá os nervos à prova: o pêndulo da morte. Um homem, estendido sobre uma mesa, aguarda com o desespero na alma, que uma lâmina suspensa sobre a sua cabeça, tal espada de Damocles, o separe para sempre da vida. Os minutos que decorrem nessa indecisão são outros tantos momentos de angústia para o espectador.

Boris Karloff exerce uma tal atracção sobre o sexo fraco que um empresário do Yorkshire, de nome Symmon, ofereceu cinco libras esterlinas à espectadora que se atrevesse, no seu cinema, a enfrentar o monstro, na tela, a sós e às escuras, depois da meia noite.

Pois sahem os leitores quantas cartas recebeu o sr. Symmon: 400! e explica-se: Boris Karloff é, presentemente, o único actor que, pela sua fealdade e pelo horror que inspira, consegue, de facto, impressionar a curiosidade feminina. Isto, por si só, autoriza-nos a classificá-lo, sem hesitação, como um dos ases positivos da Cinelândia.

M. C.



Oscar Lemos, o «Caçarola», da «Canção do Terra»

Ainda acerca de gente de teatro

JÁ nestas colunas tenho tocado, por várias vezes, no magno problema da inclusão de elementos de teatro nos elencos cinematográficos. Mas há ainda uma nova faceta pela qual o assunto não foi visto: — Porque motivo as «girls» do teatro são aproveitadas no cinema apenas como «girls» e figurantes? Quem nos diz que entre as coristas dos nossos teatros não está uma esplêndida artista de cinema?

O cinema português, até hoje, pouco tratou de lançar um artista no caminho da popularidade. Em quasi todos os filmes realizados o cinema tem beneficiado da popularidade já obtida no palco pelos artistas que escolhe.

Assim, Nascimento, Vasco, António Silva, Almada, Baul de Carvalho e outros — e para só citarmos homens — levaram e levarão ao cinema os espectadores que já no teatro eram seus admiradores fiéis.

Não houve o trabalho de obrigar o público a fixar-lhes o nome; não foi preciso espalhar fotografias de publicidade, para torná-los conhecidos. Muito pelo contrário, foram os seus nomes e o seu prestígio que deram nome e prestígio a certos filmes. Ora deve ser esse um dos motivos porque aos nossos realizadores não tem ocorrido contratar, para os seus filmes, raparigas que ninguém conhece...

Lá fora, em países onde em assuntos de publicidade se não regateiam algumas dezenas de contos, não é difícil atirar com o nome dum artista aos olhos e à memória do público. Cá, até agora, têm preferido fazer fitas com pessoas conhecidas...

Nós, se fizéssemos filmes, também havíamos de dar uma oportunidade a certas «girls» dos nossos teatros, embora o Leitão de Barros nos chamasse malhecos...

Uma cinéfila da gema

Eu conheço uma pequena — conheço até muitas, é claro, mas agora falarei só de uma... — que devia ser condecorada pelas empresas cinematográficas, com a medalha de celuloide de bons serviços!

É que, nestes dias e nestas noites de calor intensíssimo, quando os que po-

À MARGEM DO CINEMA

dem fogem de Lisboa e os que cá ficam se espalham pelas esplanadas, pelos jardins, pelo ar livre, enfim, a Júlia — sempre é bom dizer o nome para o caso de quererem reconhecer-la — passa às tardes e as noites no cinema elegante do seu bairro!

No inverno, vê as estreias; no verão, as réprises, para recordar. Diz ela que há certas fitas a que só se dá o verdadeiro valor à segunda vez...

Há duas noites encontrei a Júlia. Estava um calor diabólico, a ponto de, nos três teatros que eu tinha percorrido, não haver espectadores. O chefe da «claques» queixara-se-me de que não conseguira passar os bilhetes e os artistas, em cena, suavam em boca, de calor e aflicção por verem a casa «às moscas» — se é que as moscas não tinham ido, também, para as esplanadas, ouvir o fado ao ar livre.

Pois a Júlia, a heroína Júlia, ia para o cinema, ver «O Inferno de Dante», que é uma coisa que só o título faz calor!

Pobre Júlia! Apesar-de-doida pelas fitas da Clara, é, indiscutivelmente, uma cinéfila de gema...

Gente parecida

Não sei se já repararam que há, em Lisboa, uma senhora parecida com a Joan Crawford. Eu próprio tenciono mostrá-la aos leitores de «Cine-Jornal», num próximo artigo ilustrado e ao público em geral numa «cartina» duma próxima revista de teatro.

Trata-se, realmente, duma flagrante parecência, que, nas ruas ou em qualquer local onde essa senhora compareça, não passa despercebida a ninguém. Mas, é claro, em bailes, em cinemas, na rua, em toda a parte, as pessoas fazem notar a parecência locando, em silêncio, no braço das que estão a seu lado, ou dizendo duas palavras, em segredo.

Pois a referida sósia da Crawford foi a um baile do Casino Estoril, numa noite em que a sala, pejada de excursionistas ingleses, deslumbrou de animação e ruído. E todos, como uma só voz, gritaram, alegremente: — Crawford! Crawford!

Sempre alegres, e sempre à vontade, os ingleses...

É claro que o facto deve ter parecido bastante mal a meia dúzia de portugueses que estavam na sala...

Teriam gostado?

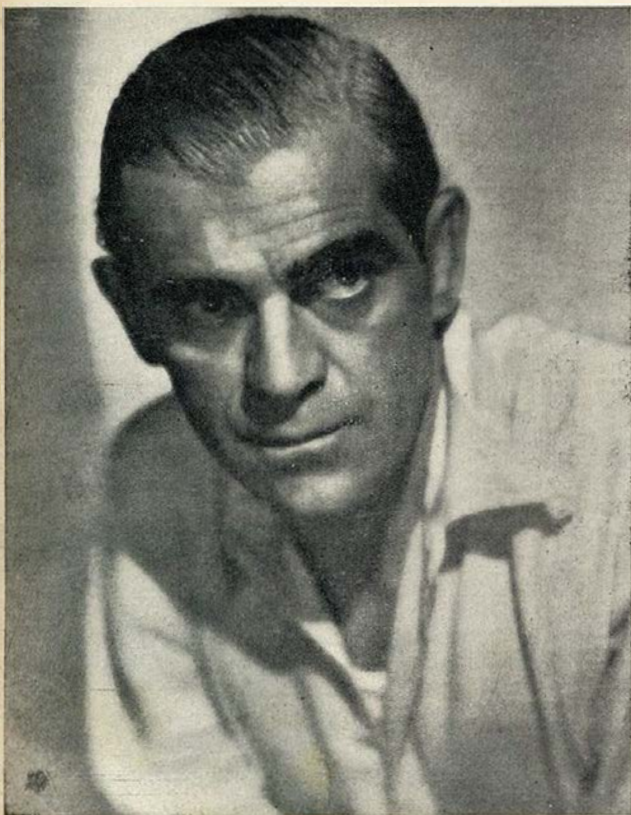
Há três ou quatro noites, fui ver, a um cinema da capital, um filme que me interessava. E notei que, num camarote ao lado, um casal de namorados, a quem a mamã dela acompanhava, noivava, deliciosamente entredido.

No seu encantamento, nem deviam notar que o filme deslizava, vertiginosamente, na brancura do «écran».

Finalmente, o filme terminou. Eu posso jurar que os meus vizinhos do camarote ao lado não viram uma única cena. E por isso achei imensa graça quando, à saída, ouvi a mamã dela perguntar ao futuro genro:

— Então, Eduardo? Você gostou? Se aquilo era coisa que se perguntasse!...

ANIBAL NAZARE



Boris Karloff, na vida real, não é tão «monstro», como poderíamos julgar...



Merle Oberon, cujo rosto de linhas puríssimas, tem qualquer coisa duma Madona do nosso Século

A INTERNACIONAL DO CINEMA

CINEMA FRANCÊS

Um dancing.

Ele — ...e o que faz o seu marido?
Ela — É mãe.
Ele — É. Você?
Ela — De modo algum...

CINEMA AMERICANO

Uma piscina.

(O «Inimigo público n.º 1» toma banho com a quadrilha. Estão todos armados de cavalo marinho).

O inimigo público n.º 1 — O. K.! A água está morna.
 O inimigo público n.º 2 — Surely! A água está fria.

(O «Inimigo público n.º 1» pisca o olho: sóa um tiro, e o «Inimigo público n.º 2» cáí morto).

Pergunta-se: quem foi o assassino, se os «maillots» não tinham algibeira?

CINEMA RUSSO

Uma casa do campo.

(O jovem príncipe, que acaba de sair da Escola Militar, veio passar as férias a casa dumas tias muito bem postas e muito antipáticas.

Na povoação, não há cinema e o príncipe, para se entreter, seduz uma jovem criada).

A grã-duquesa Ivan-Ivanoff — A mana já reparou que Natacha se perturba com os uniformes?
 A grã-duquesa Varil-Varitoff — Já sim, mana. Que faremos agora?
 A grã-duquesa Ivan-Ivanoff — A mana gosta de almôndegas?
 A grã-duquesa Varil-Varitoff — Não, gosto mais de salchichas.

(A campanha retine. Um criado acorre).

A grã-duquesa Ivan-Ivanoff — Alexis, faz para o jantar salchichas de Natacha.

(O criado inclina-se e sai).

O jovem príncipe bebe dois copos de aguardente e parte a galope para o Cauce, onde vai cobrir-se de glória.
 O cavalo do príncipe (salvo seja), ao passar pela rua da aldeia, esmaga com as patas uma galinha poedeira, que era o amparo duma família de humildes camponeses.

CINEMA INGLÊS

Um velho castelo na Escócia.
 Ali vive Lord Sunlight, recém-casado com a filha do rei dos pudings-instantâneos, de San Francisco.

A americana — Vou arejar.
 O Lord — Convia que ficasse.
 A americana — Porquê?
 O Lord — Os Duques de Bedford hon-

ram com a sua presença, esta tarde, o nosso velho solar.
 A americana — Estou-me nas tintas...
 O Lord (para o criado) — Tomaz, traze-me outro manóculo.

CINEMA ALEMÃO

Uma loja de música.
 Um rapaz muito simpático (como o milionário, entra para comprar nova caixa de agulhas de gramofone.
 A caixaira, que é bastante bonita, começa a cantar sem vir nada a propósito, enquanto ele suspira fundo.

O rapaz muito simpático, e para mais milionário, entra para comprar nova caixa de agulhas. A caixaira, bastante bonita, salta para cima do balcão, sem vir nada a propósito, e começa a dançar um «charleston».

O rapaz acompanha-a na dança e acabam os dois por abraçarem-se muito convenientemente, enquanto cantam em alemão uma canção que deve ter letra mais arvezada que a do «Nove e zero».
 O patrão da loja aparece então e sorri benévolutamente.

A porta espera o par amoroso um «Mercedes-Benz», com cara de quem acaba de sair do «stand».

CINEMA ESPANHOL

Uma rua de Triana.

Manolo — Pepe te persigue demás!
 Carmen — No lo sé (Coitadinha...)
 Manolo — Todavía, voy a saher-lo.

Manolo sai.
 Manolo entra.

Carmen — Que hay?
 Manolo — Pronto. Ja no hablaremos de Pepe.

Carmen (entendida e com os olhos em alvo) — Eres todo un hombre!

(Ao contrário, Pepe, ja «no lo és»...).

CINEMA PORTUGUÊS

CARTA DO PORTO

PARA quem suponha que exageramos quando afirmamos, clara e abertamente, que, proporcionalmente à sua população, o Porto não possui cinemas demais, antes pelo contrário, dedicamos a presente crônica.

Ela tem toda a oportunidade porque ainda há quem, apegado a retrógrados preconceitos, não querendo nivelar-se à índole da sociedade contemporânea, pretende descobrir a existência de salões cinematográficos em excesso para a gente que nesta cidade labuta e vive.

Porém, os números vão falar por nós. Tem o Porto uma população que orça por trezentos mil habitantes e possui, no centro, apenas sete cinemas.

Suponhamos que em vez de sete cinemas existiam dez — portanto, mais três. Partamos do princípio de que só dez por cento da população frequenta uma vez — somente uma única vez — por semana, apenas um cinema.

Temos, assim, uma média de três mil espectadores por semana e para cada salão, que dá uma percentagem diária de quatrocentos e vinte espectadores por dia para cada cinema.

Dividindo ainda este quantitativo pelas habituais «matinês», encontramos em face de uma média que constituiria um excelente negócio para todos, absolutamente todos os empresários, mesmo se existissem dez cinemas, portanto, mais três do que os que há.

A confirmar, a reforçar os nossos cálculos, temos ainda o número de pessoas que vão mais de uma e mais de duas vezes por semana ao cinema, e que se conta por centenas.

Temos ainda a enorme população dos subúrbios, presentemente servida por cómodos, rápidos e baratos meios de transporte que, principalmente aos domingos, contribui com um enorme contingente de espectadores a animar os espectáculos cinematográficos.

Os pequenos cinemas dos bairros, conquanto constituam excelentes elementos de propaganda da sétima arte, cuja acção divulgadora nunca é demais encarecer, dada a sua exigua lotação e a pequenez dos preços, não contam para o nosso cálculo, em virtude de se destinarem a um público, proporcionalmente, muito restrito.

Já vêm, portanto, os incrédulos, os pessimistas, que o Porto não tem cinemas em excesso, pelo contrário, três cinemas a mais, três grandes cinemas a mais, no centro da cidade, não constituiria desproporção para o seu censo populacional.

Cremos também que a percentagem de dez por cento dos habitantes da cidade, que estabeleçamos para base deste sucinto estudo não é demasiada. Pelo contrário, há muitíssimas cidades europeias — cuja importância industrial, comercial e artística não é superior à do Porto, que têm uma média de cinéfilos muito maior, incomparavelmente maior que esta cidade.

Ora se aqui esta média ainda não existe, se esta proporção ainda se não constata, a culpa não é do cinema que mantém, sempre bem acêsa, a chama do interesse que de há muito desperta, nem tão pouco do público, pois, muitas vezes se juntam num só espectáculo vinte e trinta mil pessoas, como mais que uma vez ainda há pouco se verificou, simplesmente, porque inteligentemente se soube aliar a atenção do público.

Não podemos também considerar o cinema em Portugal um espectáculo caro, porque em poucos países do mundo os cinemas de estreia estabelecem preços tão módicos, como os que se verificam no nosso país, com a vantagem de aqui haver cinemas, mesmo de estreia, a variados preços, mesmo os mais baixos.

Ora desde que o Porto não tem cinemas demais, como humildemente parece estar provado, e como o espectáculo cinematográfico ainda está ao alcance de

tôdas as bolsas, somente se torna necessário que os respectivos empresários saibam ou queiram chamar à liça a população desalenta, saibam interessar os profanos pelo espectáculo cinematográfico até conseguirem a média de espectadores necessários para compensar os sacrifícios de organização dos seus espectáculos e o seu conseqüente e possível aperfeiçoamento.

Um exemplo edificante

Não se suponha, no entanto, que o progresso cinematográfico do Porto se encontra estragado. Apenas, êle não tem acompanhado, no ritmo necessário, as evoluções da vida actual, dos últimos anos.

Senão, vejamos. Há meia dúzia de anos, apenas se realizavam, nos nossos cinemas, matinês aos domingos. Havia excepções somente a confirmar a regra geral.

Pensar-se em realizar matinês em dias de semana era considerado um absurdo e tão absurdo que ninguém tentava êsse empreendimento pela certeza (!) antecipada de um insucesso absoluto.

Ajudado pela persistência das revistas e dos jornais da especialidade, houve quem fizesse essa tentativa e, de experiência em experiência, chegou-se, uns anos após, a êste interessante resultado prático. Numa cidade onde o número de forasteiros é insignificante, que não tem população flutuante, em pleno verão, numa época de formidável canícula, cinco cinemas dão malinês todos os dias — Olimpia, Águia de Ouro, Batalha, Rivoli e Carlos Alberto.

Ora isto, incontestavelmente, representa desenvolvimento, uma acentuada evolução progressiva.

Foi, porém, a instintiva tendência da massa do público, foi a sua intuitiva assimilação das possibilidades, vantagens e qualidades do cinema, despertada pela acção da imprensa cinematográfica, que determinou êsse progresso.

Ora se as empresas, auscultando atenciosamente a evolução do estado anímico do público, aproveitassem o desenvolvimento das suas tendências e preferências, para o elevar a um maior grau, hoje, infalivelmente constataríamos um aumento sensível da população frequentadora dos nossos cinemas — a animar as suas iniciativas a melhorar e compensar os seus empreendimentos.

E não há já não havia quem supusesse, erradamente, que o Porto tem cinemas demais, antes toda a gente verificaria, clara e infosmavelmente, que os cinemas existentes eram insuficientes para a população da cidade e seus subúrbios.

É claro que assim fôsse — e assim devia e podia ser — ninguém mais que as empresas era directa e imediatamente interessada nêsse eslado de coisas.

Por isso não nos cansaremos de recomendar, de apontar a ingente e urgente necessidade de uma intensa e profícua propaganda ser feita, no sentido de chamar a atenção dos leigos e dos profanos, para as excelsas qualidades do espectáculo cinematográfico — e muitas e variadas são elas.

Assim, veríamos mais lautamente compensados e reconhecidos tantos e tantos sacrifícios e esforços dos empresários, em melhorar os seus espectáculos, num reconhecimento e numa compensação bem merecida, porque o seu esforçoado trabalho é digno duma retribuição de que uma grande percentagem do público tem andado arreado.

Mais cinemas

Merece do esforço, do simpático e plausível trabalho de alguns homens de iniciativa, em que esta cidade por vezes é pródiga, vamos ter no Porto mais dois cinemas.

Grandes ou pequenos, luxuosos ou modestos, qualquer que seja o seu âm-

bito de acção, muito nos apraz registrar os empreendimentos realizados e a realizar, porque, acima de tudo, denotam a ampliação, o desenvolvimento do ambiente cinematográfico duma cidade que tende a desenvolver-se, sob todos e os mais variados aspectos.

O Cinc Parque S. Luiz, aberto já ao público, é uma esplanada instalada num recinto confortável — os jardins do antigo palácio do Conde de Samodães, à rua do Sol, a dois passos do centro da cidade.

Organizado pelo Pôsto Emissor Laboratórios Electro Mecânicos, êste novo cinema, vem apresentando em réprise alguns dos filmes de maior êxito e, como é evidente a modicidade dos seus preços, tem tido uam razoável e estimulante freqüência.

Também no populoso e característico bairro da Cantareira está sendo construída uma nova casa que se destina a espectáculos cinematográficos e para exploração permanente.

Porque estes cinemas têm tôdas as características populares mais simpática se torna a sua organização e finalidade porque, a despeito da sua restrita esfera de acção, vai levar a arte a todos os centros da cidade, transformando o cinema numa necessidade quotidiana para todos.

Muito louváveis, muito plausíveis são estes empreendimentos porque além de constituírem verdadeiros pilares de propaganda de arte vão, pelos seus preços, ao encontro dos desejos da grande população dos bairros operários da cidade.

CARLOS MOREIRA

O SEGREDO DOS LÁBIOS

(Conclusão da pág. 11)

Afirmam ainda os mesmos técnicos que Clark Gable tem representada na sua boca, grande e perfeita, toda a rudeza apaixonada, franca e sensível, da sua maneira de ser e garantem, ainda, que é o principal factor para os triunfos dêste galã. As leitoras dirão.

Afirmam que a perfeita simetria dos lábios de Myrna Loy revela a segurança do seu carácter, a firmeza das suas decisões. A pequenez — que mostra egoísmo — e o facto de serem carunhos — que revela coração apaixonado — levam a afirmar que Myrna Loy é muito enigmática.

A de Gary Cooper, à custa de ser perfeita, é quasi feminina e revela um temperamento artista, sensível, embora um pouco superficial.

Eddie Cantor é a sua excepção a confirmar a regra: a sua boca nada traduz, não marca personalidade em virtude dos seus olhos esgazcados e absolutamente característicos. J. Durante também é excepção mas a êste, como é de prever, foge-lhe a personalidade para o nariz.

Ainda, por ser dos mais interessantes casos, cito a Jeanette Mac Donald. Boca grande que revela franqueza, mas sorriso demasiadamente aberto indica — or de vaidade, até certo ponto, justificada por uns dentes perfeitíssimos e um «palminho» de cara muito razoável.

Dizem ainda os «técnicos» que se fôsem, um tudo nada, mais pequenos os lábios desta actriz eram os ideais para a mulher: frívolos, inconstantes, vaidosos, sentimentais... mas, «no fundo», de boa pessoa.

Assim — está claro — parece-me que os técnicos não deixam de ter razão.

FERNANDO GARCIA

O que há no vosso Horoscopo

Deixai-me vo-lo dizer Gratuitamente

Não dejetaria saber, sem que nada lhe custe, o que julicam as estrelas relativamente ao seu futuro; em que será feliz; em que terá bons êxitos; o que lhe trará a prosperidade; o que se refere aos seus negócios; a casamento; a amigos; a inimigos; a viagens; a doenças; a períodos de sorte e de azar; a catástrofes a evitar; a oportunidades a aproveitar; a novas empresas e a muitas outras coisas de indolucível interesse para si? Eis aqui uma ocasião para obter uma Leitura Astral da sua vida. ASSIM, LUTAMENTE GRATUITA.



Prof. ROXROY O ensaieiro Astrólogo

GRATUITAMENTE

A vossa leitura astral que não tem custo nenhum do que duas páginas nas dactilografadas ser-vos-á enviada imediatamente, pelo grande Astrólogo, as predições do qual despertam o interesse nos dois continentes. Deixai que vos revelem, gratuitamente, factos espantosos que podem mudar o curso da vossa vida e trazer-vos o sucesso e a felicidade e a prosperidade.

Basta que escreva o seu nome e direcção completos e legíveis, dando ao mesmo tempo a sua data de nascimento e dizendo se é Sr. ou Sra. (casada ou solteira?). Não precisa mandar dinheiro, mas se quiser pode incluir 2500 para cobrir as despesas de porte e de expediente. Não guarde para amanhã. Escreva Já. Endereço: ROXROY STUDIOS, Dept. 6630 B, Emmastran 42, A Haya, Holanda. Sólo para a Holanda: Esc. 1875.

Nota. O Prof. Roxroy é tido em grande estima pelos seus numerosos clientes. Êle é o mais antigo e conhecido de todos os Astrólogos do continente, pois há mais de 20 anos que vive e trabalha no mesmo lugar. A confiança que se lhe pode dispensar é garantida pelo simples facto de todos os trabalhos, pelos quais êle recebe uma remuneração, serem feitos sob condições de satisfação completa ou reembolso do dinheiro pago.

f e m i n a

A grande revista feminina portuguesa

Apresenta todas as sextas-feiras os mais recentes modelos de vestidos e de chapéus, tratando sempre de todos os assuntos que interessam às Senhoras.

À VENDA EM TODO O PAÍS

24 páginas com muitas gravuras a cores—Capa a cores

Esc. 1\$50

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO

Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, L.da

Redacção e Administração: T. da Condesa do Rio, 27

Telefone 2 1243 e 2 1227

Comp. Impresão e gravura BERTRAND (irmãos), L.da

Trav. da Condesa do Rio 27—Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números 1 ano 48\$00

25 " 6 meses 24\$00

12 " 3 meses 12\$00

Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano 65\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Que estranho
SEGRÊDO
conhece este
HOMEM



Ele garante dar-lhe
A Beleza Que Seduz
Os Homens
— EM ALGUNS DIAS

Deseja fazer um bom casamento este ano? Quere ter o género de beleza ao qual poucos homens resistem? Sim?... Então retenha bem cada palavra desta mensagem.

Graças a uma fórmula nova e surpreendente, descoberta por um célebre sábio, pode agora ter, em alguns dias, a beleza que tanto deseja. Esta recente e notável descoberta é tão eficaz que produz alterações quasi que milagrosas, mesmo numa pele manchada, feia e enrugada.

Esta misteriosa substância está agora contida no Creme Tokalon. Aplique simplesmente o Creme Tokalon. Alimento para a Pele, Cór de Rosa, à noite, antes de se deitar. Ele alimenta, rejuvenesce e aclara-lhe a pele durante o sono. Depois aplique o Creme Tokalon. Alimento para a Pele, Cór Branca (não gorduroso), de manhã. É branqueador, tónico e adstringente — suprime os poros dilatados, pontos negros, manchas, etc..

Se deseja ter uma nova beleza — se quere ser sedutora aos olhos dos homens — comece, já hoje, a empregar o Creme Tokalon. Por pior que possa estar a sua pele, ficará surpreendida e encantada com os resultados. O sucesso é garantido, ou então, será reembolsada do seu dinheiro.

A venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon, 88 Rua da Assunção, Lisboa, que atende na volta do correio.



Uma epiderme de tonalidades ou de cor naturalmente idóada dá ao rosto uma beleza que o moreno natural, muitas vezes não consegue. Há peles, porém, que accusam estragos pela exposição ao sol. Assim o ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA, lançou um produto cuja agredo e acção têm sido potentes e que, dando à pele o cor bronzeado, exacto e natural, tal como os raios solares, o preserva simultaneamente do sol. O duplo valor deste produto é aumentado pela circunstância de não ser oleoso e permitir o «maquiagem habitual». BRONZISOL não deixará desvanecer-se do epiderme, essa linda cor dourada e quente que o verão e o proaio emprestam o todo rosto.

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA
Avenida do Liberdade, 35 — LISBOA



Não vá. Telefone!!
Aproveite estes dias
de calor para não vir
à cidade — e resolver
todos os assuntos
«telefonando».

A Companhia dos Te-
lefonos — Rua Nova da
Trindade, 43 — tem
preços especiais á es-
colha de cada um.
Peça informações por
escrito — e será aten-
dido imediatamente.

O papão do "mau cinema,"

obrigação, a maior parte das vezes borracheiras anacrónicas...» — «A revista, a farsa de borra intelectual e o drama folhetinesco, são ainda o repasto normal do público. Raras vezes aparece coisa de jeito. Invenções pobres, apenas estimulam tocando pensamentos».

Para terminar, uma afirmação, desafiando desmentidos: A Liga Portuguesa de Profilaxia Social nunca se pronunciou em globo contra o teatro ou contra o cinema, cujo importante papel social e educativo — desde que se trate de bom cinema e de bom teatro — compreende e exalta.

Toda a acção da Liga neste campo se encontra referida no último resumo semestral publicado na Imprensa. nos seguintes termos: — «Outra campanha da Liga que tomou agora todo o seu incremento, é a relativa a assistência de menores a espectáculos cinematográficos. Conforme ficou relatado no resumo correspondente ao semestre anterior, não é só de agora, mas data já de alguns anos, o interesse desta Liga ao assunto. Começámos por erigir protestos isolados, quer junto das autoridades e entidades a quem o assunto interessa, quer por meio da Imprensa, ou em conferências públicas, contra os perigos que para a saúde tais espectáculos oferecem — ar confinado, acção sobre os nervos, etc., etc., — e contra a escabrosidade ou sensualismo extremo de muitas películas: em breve, porém, reconhecemos que a resolução do problema necessitaria duma campanha mais vasta, e para bem a prepararmos empenhámo-nos então em reunir informações tão completas quanto possível sobre os estudos realizados no estrangeiro a tal respeito e sobre a legislação dos vários países».

«Para tal fim se dirigiu a Liga aos representantes diplomáticos de Portugal no estrangeiro e das outras nações em Portugal, e

(Conclusão da pág. 10)

reuniu assim um material copioso, com o qual, uma vez estudado, iniciou agora a sua campanha na Imprensa. Até Dezembro findo foram publicados quatro artigos de propaganda, resumindo, o primeiro, o largo inquérito promovido por cientistas das Universidades norte-americanas de Chicago Iowa, Yale, Pennsylvania, Nova Iorque, Colombia e Ohio, cujo relatório a Liga alcançou por intermédio da American Child Health Association; compilando, o segundo, as conclusões, sob este aspecto, do Primeiro Congresso Internacional do Cinema Educativo, que nos foram obtidas pelo sr. dr. Lobo de Avila Lima, Ministro de Portugal em Berne; e resumindo, o terceiro e o quarto a legislação inglesa e dos países afins. Os artigos anteriores occupam-se do relatório sobre a censura cinematográfica nos Estados Unidos, elaborado pela Repartição das Crianças (Children's Bureau) do Departamento do Trabalho, cuja cópia foi muito obsequiosamente obtida para a Liga pelo sr. Leslie A. Davis, cônsul no Porto dos Estados Unidos da América do Norte, da regulamentação da assistência de crianças a espectáculos cinematográficos nos vários cantões da Suíça, da lei belga sobre o mesmo assunto, etc.; em seguida o que a Liga se propõe realizar um inquérito junto dos higienistas, médicos especializados (oftalmologistas, tisiólogos, etc.), e educadores e juristas mais autorizados do país, pedindo-lhes para devidamente se pronunciarem. Estes pareceres serão depois, por igual modo, difundidos pela Imprensa.

«Fol por isso com natural regozeljo que a Liga soube ter o sr. dr. José Cabral apresentando na Assembleia Nacional um projecto

de lei em que já se inclui a proibição de assistência de crianças de menos de 14 anos aos espectáculos destinados ao público adulto em geral, constando-nos ainda que os Ex.™™ Srs. Ministros da Justiça e do Interior se estão, por igual, occupando activamente do assunto. Já oficiámos áquelles parlamentar, felicitando-o e incitando-o a alargar o seu projecto, quando for discutido, até ao máximo de benefícios que seja possível effectivar entre nós, em defesa da saúde e da formação moral da mocidade portuguesa; mas continuaremos a nossa campanha, que nos parece de toda a utilidade para elucidar e preparar a opinião pública, e assim combater a reacção que alguns egoísmos e interesses feridos certamente vão desencadear. Desde já registamos igualmente, com grande júbilo, os aplausos que por esta iniciativa têm chegado até nós, dentre os quais destacaremos o da illustre parlamentar dr. D. Domitila de Carvalho, do Professor sr. Alfredo de Silva e, bem assim — embora excedendo um pouco os limites cronológicos deste resumo — as Notas, que sobre o mesmo assunto publicou, com bondosas referências á acção da Liga, o conceituado jornalista Paulo Freire, no Jornal de Notícias, desta cidade».

Eis aqui, pois, o crime nefando da Liga de Profilaxia Social: pretender a higienização, sob todos os aspectos, do cinema e do teatro. E por tudo isto avallará V. Ex.ª também das «qualidades críticas» e das «possibilidades analíticas» do sr. Carlos Moreira, seu correspondente no Porto.

Rogando a V. Ex.ª o obsequio da publicação desta carta.

Somos, etc.

(a) António Emilio de Magalhães
Gil da Costa

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 44 — 17 DE AGOSTO DE 1936 — SAÍ TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



Irene
von
Meyendorff

«CINE-JORNAL» É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA